

UM OLHAR PROFANO

Johaben Hope

O homem passa pela vida por várias etapas, que são mais bem classificadas e condensadas em três fases, a infância/mocidade, a fase adulta, e a velhice, hoje chamadas de primeira, segunda e terceira idades.

Em cada uma delas, de acordo com a carga de conhecimento e experiências vividas, o ser humano consegue tecer impressões e fazer determinados julgamentos sobre a realidade que o cerca gerando determinadas expectativas.

Dessarte, em minha primeira fase de vida entre os anos de 1961 e 1980, quando acontecia a guerra do Vietnã, a guerra fria, a construção do muro de Berlim, os poucos e lentos meios de comunicação da época colaboravam para uma demorada difusão das notícias e o conhecimento específico sobre a maçonaria no seio social, não era diferente, era diminuto.

À época, com a pequena propagação dessa Instituição Eclética, o máximo que ouvíamos dos adultos eram as histórias de que “aqueles homens” faziam sacrifícios secretos onde “tomavam o sangue de um bode”.

A história sobre “beber sangue” por si só me causava um descomunal temor, principalmente pela cena que era visualizada em minha mente e acabava direcionando meus pensamentos para algo ruim, do mal.

Estas afirmações, feitas à época sob o manto claro do desconhecimento, geravam a conclusão que chegava a ser lógica, de que maçons eram homens maus! As crianças naquela época, em sua grande maioria eram muito medrosas, inseguras e eu não era diferente.

E um dos meus primeiros amigos de infância, amigo até os dias atuais, hoje irmão, tinha um pai maçom.

Nutri durante alguns anos um medo descomunal daquele homem e nunca ia até a casa deles a noite, em hipótese alguma.

Contudo, um fato que me confundia e que certamente provocava um dualismo sentimental em mim, era o fato de que ele era extremamente educado, brincalhão e bondoso com todos, principalmente com a sua família.

O amor maçônico se avizinhava e eu cego não via!

Às vezes ouvia falar lá na casa deles, de uma tal loja, na qual o pai dele ia à noite e aquilo me embaralhava ainda mais a mente! Qual seria a loja que abriria a noite? O que era vendido lá? O que ele fazia lá?

Mas minha curiosidade de menino era em muito superada pelo meu medo! Nunca me atrevi perguntar, acredito eu que tinha um temor latente de não gostar da resposta e ainda, viesse a perder o meu amigo.

Passados alguns anos, minha família se mudou da vizinhança e perdi o contato com aquela realidade deles, todavia, continuei a estudar na mesma escola e não deixei de ter contato com meu amigo.

E nessa época, por questões que raíam o óbvio ululante, não tive condições de alcançar uma maior cognição sobre a Arte Real, olhando a maçonaria por um ângulo muito pobre de conteúdo, porém, rico em mentiras e fantasias.

Referidos contatos não foram suficientes para gerar o que se poderia chamar de uma expectativa, de minha parte, em relação à maçonaria.

O menino, que voara até então nas asas da quimera, desce ao chão.

Na segunda fase de minha vida, já homem adulto, com curso superior completo, buscando uma cidade para fixar residência, nascimento de filhos, pretendendo comprar a casa própria, as responsabilidades da vida aumentando numa progressão geométrica, não tinha ainda muito contato com a maçonaria, mas certamente tinha mais conteúdo cognitivo para uma análise mais lúcida sobre ela.

Sempre me embrenhei de corpo e alma na minha profissão e nos estudos atinentes a ela, cursos, especializações etc., buscando uma melhoria profissional.

Essa rotina de vida desviou um pouco minha atenção, mas, passei a conhecer um número maior de maçons e com um nível de instrução mais sólido, pude perceber que se tratava de homens sérios, em sua maioria recatados, éticos, com posicionamentos firmes, cumpridores de seus deveres e benemerentes.

Nessa época minha expectativa em relação à maçonaria tinha um conteúdo grande de curiosidade, que nada mais é do que uma forma motivacional da aprendizagem.

À medida que adquiria um pouco mais de conhecimento, na mesma proporção, comecei nutrir um forte desejo de compartilhar dos conhecimentos maçônicos!

Esse mistério sempre me intrigou e de vez em quando conseguia ter acesso a algum conteúdo escrito sobre a maçonaria, aproveitando matérias publicadas na internet mesmo que elas não tivessem a chancela necessária da ordem.

Dessa forma, no meio da minha segunda idade, na vereda dos meus quarenta anos, nos anos 2000, época na qual foi anunciado o mapeamento do genoma humano, quando se comemorou os quinhentos anos do Brasil, quando foi lançada a moeda única em doze países europeus, quando os E.U.A. invadiram o Iraque, já conseguia ter acesso a alguns textos, principalmente na internet, sobre a sociedade secreta à qual alguns poucos imputavam, inclusive, a prática de rituais satânicos, etc., fato que sempre me provocava profunda repulsa, pois, emprestava a tais afirmações um conteúdo excessivo de leviandade calcada no desconhecimento.

Era facilmente perceptível, à época, a vã tentativa dos que sequer conhecimento tinham sobre ela, de desmerecer uma sociedade organizada, secular, de sucesso e com alicerces firmes no seio da sociedade.

É certo que, a maior ou menor amplitude do conteúdo cognitivo de cada pessoa, limita em muito a compreensão sobre a dimensão, extensão e profundidade do conhecimento, mesmo que de forma profana, sobre a maçonaria.

E com esse olhar míope e profano, posicionado do lado de fora, é impossível enxergar sequer um pouco da verdadeira irmandade maçônica! A não ser, mais precisamente, os claros e positivos resultados sociais da intervenção maçônica nas obras de caridade, nos gestos de bondade de seus membros, o que para mim já era alentador!

Porém, o aclaramento das dúvidas, assim como, das conclusões distorcidas e erradas, com o passar do tempo, foram dissipando a névoa do desconhecimento, na medida em que pude melhor avaliar o ser humano.

A ciência de que homens célebres da história brasileira e mundial, como Rui Barbosa, D. Pedro I, Antônio Castro Alves (Brasil), Martin Luther King Jr, George Washington (EUA), Alexander Fleming, Rudyard Kipling (Inglaterra), fizeram parte da maçonaria em algum momento da história, me intrigava e fazia com que tivesse uma enorme vontade de abeberar-me daquele secular conhecimento.

Dessa forma, vivenciando meus cinquenta e cinco anos de idade, sentia uma grande vontade de ser maçom, de compartilhar das atividades, de sentir aquela amizade fraternal tão decantada pelos seus membros, que se tratavam por irmãos.

Avolumava-se em meu coração um forte desejo de ingressar para essa instituição na medida em que tinha maior contato com maçons, que lia mais sobre ela e me inteirava mais sobre seus desígnios.

Fazia diversas elucubrações mentais, imaginava como poderia ser participar de tão honrada irmandade, como seriam os encontros, as sessões, os ágapes, o que seria egrégora, o amor fraternal, todavia, não passavam de imaginações, pois, sabemos que com um olhar profano só nos resta mesmo imaginar!

A partir dessa fase de minha vida, a expectativa nutrida por mim era de que eu pudesse aprender os conhecimentos maçônicos e me tornar um ser melhor, para a sociedade e para a minha família, se os maçons que eu conhecia eram assim, eu queria o mesmo para mim!

Sempre me preocupei muito se acaso um dia fosse aceito, se eu conseguiria atingir as expectativas da maçonaria, se teria vocação e se seria considerado mesmo livre e de bons costumes, dentro da análise feita pela ordem.

Assim, o homem de meia idade dava lugar ao experiente.

Transposto o umbral da terceira idade, comecei a acreditar que não teria mais oportunidade de me sentar dentre aqueles irmãos, pois, ingressando nessa fase de vida, temos uma tendência mórbida de nos sentirmos depreciados e desnecessários.

Ledo engano!

Em pesquisas que acabei fazendo descobri, para a minha surpresa, que em junho de 1778, Jean-Marie Arouet (Voltaire), aos 84 anos de idade, foi iniciado na loja Les Neuf Soeurs, em Paris, e foi introduzido no templo por um célebre irmão que segurava o seu braço, que era Benjamin Franklin, embaixador dos EUA na França à época.

Dessarte, em 2021, no auge dos meus sessenta anos de idade, ainda sob reflexos da pandemia global, fui indicado por um querido irmão, fruto de uma amizade de mais de dez anos; passei em torno de um ano sendo objeto de um processo no qual foram feitas inúmeras investigações, análises de documentos, sindicâncias, visitas, até que houve minha formal aprovação e foi marcada minha iniciação.

Como é normal, mas o candidato não sabe, o processo é mesmo longo, seríssimo e demorado, e eu algumas vezes cheguei a acreditar que pudesse ter sido reprovado e que ninguém me diria nada! Mas a esperança sempre acalmava minha alma!

Esse fato gerou ainda mais expectativas em mim, com relação ao meu ingresso na ordem, pois, senti a seriedade e a hermeticidade da instituição na qual pretendia ingressar.

Minha expectativa então passou a ser minha iniciação!

Concluindo, passei por diversas fases de minha vida anteriores à iniciação e em cada uma delas tinha uma forma peculiar de enxergar a maçonaria, e como um buscador curioso, em certo momento passei a procurar informações por conta própria e os relatos lidos geraram em meu ser um grande desejo de ser maçom, uma grande expectativa em relação à maçonaria, em usufruir de seus conhecimentos e compartilhar da convivência com os irmãos.

Hoje tenho a honra de afirmar que todas as expectativas geradas em minha alma, com relação a maçonaria, jamais poderiam alcançar um ínfimo percentual da realidade que encontrei com a minha iniciação, após o momento no qual recebi a luz!